



JOJO MOYES

Da autora de
Como eu era antes de você

O navio das noivas

“Um conto de sorte e destino extremamente emocionante.”

Sunday Express


intrínseca

O navio
das noivas

O navio das noivas

JOJO MOYES

Tradução de Flávia Rössler



Copyright © Jojo Moyes, 2005

TÍTULO ORIGINAL
The Ship of Brides

REVISÃO
Marcela de Oliveira
Juliana Werneck

DIAGRAMAÇÃO
Kátia Regina Silva | Babilonia Cultura Editorial

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© Sarah Gibb

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Aline Ribeiro | linesribeiro.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
M899n

Moyes, Jojo, 1969-
O navio das noivas / Jojo Moyes ; tradução de Flávia Rössler.
– 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.

384 p. ; 23 cm.
Tradução de: The ship of brides
ISBN 978-85-8057-995-6

1. Romance inglês. I. Rössler, Flávia. II. Título.

16-32542

CDD: 823
CDU: 821.111-3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Betty McKee e Jo Staunton-Lambert,
pela coragem durante suas diferentes travessias.

AGRADECIMENTOS

Este livro foi um grande empreendimento em termos de pesquisa, e não teria sido possível sem a ajuda e o tempo generosos que um grande número de pessoas me concedeu. Meus primeiros agradecimentos têm que ir para o tenente Simon Jones, pelo bom humor e pela infinita paciência ao me ajudar com os detalhes mais sutis da vida a bordo de um porta-aviões, e também pelas sugestões particularmente imaginativas sobre como eu poderia dar vida ao meu navio. Obrigada, Si. Qualquer erro é de minha inteira responsabilidade.

Um agradecimento mais amplo para a Marinha Real Britânica, em especial, ao comandante Ian McQueen, ao tenente Andrew G. Linsley, e a todos do HMS *Invincible* por me permitir passar algum tempo a bordo.

Sou muito grata a Neil McCart, da Fan Publications, por me autorizar a reproduzir trechos do seu excelente e informativo livro *HMS Victorious*. E também a Liam Halligan, do Channel 4 News, por me alertar sobre o magnífico filme de Lindsay Taylor, *Death at Gadani: The Wrecking of Canberra*.

O acesso a diários de bordo não publicados daquele período foi fantástico e me ajudou a dar cor a uma época para a qual nasci tarde demais para ter vivido. Assim, agradeço a Margaret Stamper, por ter me autorizado a ler o maravilhoso diário em que seu marido relata a vida no mar, e a reproduzir uma pequena parte; e a Peter R. Lowery por me permitir fazer o mesmo com o diário do seu pai, o arquiteto naval Richard Lowery. Agradeço também a Christopher Hunt e ao pessoal da sala de leitura do Museu Imperial da Guerra, assim como ao da Biblioteca dos Jornais Britânicos, em Colindale.

Uma miscelânea de agradecimentos, sem nenhuma ordem específica, aos meus pais, para Sandy (Brian Sanders) por seus conhecimentos marítimos e sua enorme biblioteca com obras sobre navios de guerra, para Ann Miller, da Arts Decoratifs, Cathy Runciman, Ruth Runciman, Julia Carmichael e para o pessoal da Harts em Saffron Walden. Obrigada a Carolyn Mays, Alex Bonham, Emma Longhurst, Hazel Orme e a todos os outros da Hodder and Stoughton por seu trabalho árduo e apoio contínuo. Obrigada também a Sheila Crowley e Linda Shaughnessy, da AP Watt.

E, como sempre, obrigada a Charles pelo amor, orientação editorial, apoio técnico, por ter cuidado das crianças e se esforçado em demonstrar interesse toda vez que eu contava uma descoberta fascinante sobre porta-aviões.

Mas os maiores agradecimentos e todo o meu amor vão para minha avó, Betty McKee, que, quase sessenta anos atrás, fez essa mesma travessia com fé e coragem inimagináveis, e cujas lembranças ainda vívidas me deram base para esta história. Acredito que meu avô teria ficado orgulhoso.

Em 1946, a Marinha Real entrou na última etapa do repatriamento de esposas do pós-guerra, aquelas mulheres e meninas que haviam se casado com oficiais ingleses em serviço no exterior. A maioria seguiu em navios para transporte de tropas ou em embarcações contratadas para essa missão específica. Em 2 de julho de 1946, no entanto, cerca de seiscentas e cinquenta e cinco esposas de guerra australianas embarcaram para uma viagem excepcional: a travessia no porta-aviões HMS *Victorious* para encontrar seus maridos ingleses.

Elas tiveram a companhia de mais de mil e cem homens, além de dezenove aviões, em uma viagem que durou quase seis semanas. A esposa mais jovem tinha quinze anos. Pelo menos uma delas ficou viúva antes de chegar ao destino. Minha avó, Betty McKee, foi uma das felizardas que tiveram sua fé recompensada.

Este livro de ficção, inspirado por essa viagem, é dedicado a ela e a todas aquelas esposas que tiveram coragem suficiente para acreditar em um futuro incerto do outro lado do mundo.

Jojo Moyes
Julho de 2004

Nota: Todas as citações são não ficcionais e se referem às experiências de esposas de guerra ou de oficiais a serviço no *Victorious*.

PRÓLOGO

A primeira vez que o reencontrei, senti como se eu tivesse levado um soco.

Eu já havia escutado essa expressão milhares de vezes, mas até então nunca entendera seu verdadeiro significado: demorou um pouco até minha memória estabelecer um vínculo com o que meus olhos estavam vendo, depois um choque percorreu meu corpo, como se eu tivesse acabado de levar um forte golpe. Não sou uma pessoa fantasiosa. Não embelezo minhas palavras. Mas, com toda a sinceridade, posso dizer que cheguei a ficar sem fôlego.

Nunca imaginei que fosse revê-lo. Não em um lugar como aquele. Há muito tempo eu o enterrara bem no fundo da minha memória. Não apenas fisicamente, mas tudo o que ele significara para mim. Tudo pelo que ele me fizera passar. Porque só depois de muito tempo — uma eternidade — entendi o que ele tinha feito. De inúmeras maneiras, era ao mesmo tempo a melhor e a pior coisa que já acontecera comigo.

Não foi, no entanto, apenas o choque da sua presença física. Havia tristeza também. Acho que na minha memória ele continuava igual ao que era naquela época, tantos anos atrás. Ao vê-lo agora, rodeado por todas aquelas pessoas, de algum modo parecendo tão envelhecido, tão diminuído... A única coisa em que consegui pensar foi que aquele era o lugar errado para ele. Eu sofria ao ver o que havia sido tão bonito, deslumbrante até, reduzido a...

Não sei. Talvez não seja muito justo pensar assim. Nenhum de nós dura para sempre, não é mesmo? Para ser sincera, vê-lo naquele estado era um lembrete desagradável da minha própria mortalidade. Do que eu havia sido. Do que todos nós temos que nos tornar.

Independentemente do que fosse, ali, onde eu nunca estivera, onde não havia motivo para estar, eu o reencontrara. Ou talvez ele tenha me encontrado.

Acho que até aquele momento eu não acreditava em destino. Mas é difícil não acreditar, quando paramos para pensar em como nós dois tínhamos chegado longe.

Difícil não acreditar quando se pensa que não havia como, depois de separados por milhares de quilômetros, continentes e vastos oceanos, estarmos destinados a nos encontrar de novo.

ÍNDIA, 2002

Ela acordara com o som de uma discussão. Era um barulho estridente, irregular, explosivo, como o latido de um filhote de cachorro que percebeu algo incomum. A velha senhora ergueu a cabeça, afastando-a da janela. Esfregou a nuca, exatamente

onde o vento do ar-condicionado batia, gelando-a até os ossos. Tentou se endireitar. Naqueles primeiros instantes confusos após acordar, ela não sabia direito onde estava, nem mesmo quem era. Ouviu uma mistura de vozes cadenciadas e, aos poucos, as palavras ficaram mais nítidas, transportando-a gradualmente de um sono sem sonhos para a realidade.

— Não estou dizendo que não gostei dos palácios. Ou dos templos. Só falei que passei duas semanas aqui e tenho a impressão de que não vivenciei a verdadeira Índia.

— E você acha que eu sou o quê? Um Sanjay virtual?

Vindo do banco da frente, a voz dele tinha um leve tom de brincadeira.

— Você sabe o que quero dizer.

— Sou indiano. Ram, que está aqui, também é. Não sou menos indiano só porque passei metade da vida na Inglaterra.

— Ah, fala sério, Jay, você não é o exemplo mais típico.

— Típico do quê?

— Não sei. Da maioria das pessoas que vivem aqui.

O jovem balançou a cabeça com desdém.

— O que você quer é ser turista da pobreza.

— Não é isso.

— Quer poder voltar para casa e contar aos seus amigos que viu coisas terríveis aqui. Dizer que eles nem imaginam o sofrimento desta gente. Mas que tudo o que oferecemos a vocês foi Coca-Cola e ar-condicionado.

Houve algumas risadas. A senhora conferiu seu relógio de pulso. Já eram quase onze e meia: dormira por cerca de uma hora.

Ao seu lado, a neta se inclinava para a frente entre os dois bancos dianteiros.

— Olhe, só quero ver algo que me mostre como o povo realmente vive. Quer dizer, todos os guias de turismo só querem mostrar as residências principescas e os centros comerciais.

— Então, você quer ver as favelas.

Do banco do motorista, veio a voz do Sr. Vaghela:

— Posso levá-la à minha casa, Srta. Jennifer. Lá você vai ver as condições de uma favela. — Depois de ser ignorado pelos dois jovens, ele ergueu o tom de voz:

— Olhem bem para o Sr. Ram B. Vaghela aqui e verão o pobre, o oprimido e o desfavorecido. — Ele deu de ombros. — Sabem, eu me pergunto como consegui sobreviver por todos esses anos.

— Também nos perguntamos isso quase todos os dias — afirmou Sanjay.

A senhora se empertigou novamente e olhou para o próprio reflexo no retrovisor. Seu cabelo estava achatado de um lado da cabeça e sua gola deixara uma forte marca vermelha na pele clara.

Jennifer olhou para trás.

— Está tudo bem, vó?

Sua calça jeans tinha baixado um pouco no quadril, deixando à mostra uma pequena tatuagem.

— Tudo bem, querida.

Será que Jennifer comentara sobre a tatuagem? A avó ajeitou o cabelo, sem conseguir se lembrar.

— Desculpe. Devo ter cochilado.

— Não precisa se desculpar — interrompeu o Sr. Vaghela. — Pessoas maduras como nós deviam ter o direito de descansar quando precisam.

— Está dizendo que quer que eu dirija, Ram? — perguntou Sanjay.

— Não, não, Sr. Sanjay. Longe de mim interromper uma conversa tão envolvente.

Pelo retrovisor, os olhos do velho motorista encontraram os da senhora. Ainda confusa e vulnerável por causa do cochilo, ela se forçou a sorrir em resposta ao que lhe pareceu uma piscadela deliberada.

Estavam na estrada, ela calculou, havia quase três horas. A viagem a Gujarate, uma incursão que ela e Jennifer resolveram fazer de última hora no apertado roteiro de férias, começara como uma aventura. (“Meu amigo Sanjay, da época da faculdade, disse que seus pais se ofereceram para nos hospedar por duas noites, vó! Eles têm uma casa incrível, tipo um palácio. Fica a apenas algumas horas daqui.”) Mas quase acabara em desastre quando um atraso no avião deixou-as com apenas um dia para retornar a Bombaim e pegar o voo de conexão de volta para casa.

Já exausta por causa da viagem, ela se desesperara em silêncio. Tinha considerado a Índia uma provação, um verdadeiro martírio para seus sentidos, apesar do conforto dos ônibus refrigerados e dos hotéis quatro estrelas. A possibilidade de ficar presa em Gujarate, por mais suntuosa que fosse a casa dos Singh, a deixava aterrorizada. Mas então a Sra. Singh colocara seu carro e motorista à disposição, para garantir que “as senhoras” conseguissem pegar o voo de volta. Ainda que o avião estivesse programado para decolar de um aeroporto a mais de seiscentos quilômetros de distância.

“É melhor não circularem por estações de trem”, sugerira ela, apontando com delicadeza para o cabelo louro e brilhante de Jennifer. “Não desacompanhadas.”

“Posso levá-las de carro”, oferecera Sanjay.

Mas sua mãe havia murmurado alguma coisa sobre requerimento de seguro e restrição para dirigir. Então, em vez disso, o filho concordara em acompanhar o Sr. Vaghela para garantir que as duas não fossem importunadas onde parassem. Era aquele tipo de coisa: antigamente ela se irritava com o pressuposto de que

mulheres que viajavam sozinhas não tinham condições de cuidar de si mesmas. Mas, no momento, estava grata por essa cortesia antiquada. Ela era incapaz de se virar sozinha naqueles lugares estranhos e ficava angustiada com a intrepidez da neta, que parecia não ter medo de nada. Várias vezes ficara com vontade de adverti-la, mas recuara, pois tinha noção de que pareceria fraca e nervosa. Os jovens têm razão ao serem destemidos, disse para si mesma. Lembre-se de quando tinha essa idade.

— Está bem aí atrás, madame?

— Estou ótima, Sanjay, obrigada.

— Receio que ainda falte um longo caminho pela frente. Não é uma viagem fácil.

— Deve ser muito árduo para quem é apenas passageiro — murmurou o Sr. Vaghela.

— É muita bondade sua nos acompanhar.

— Jay! Olhe aquilo ali!

Ela percebeu que haviam saído da via expressa e passavam por um bairro extremamente pobre, ladeado por depósitos abarrotados de vigas de aço e de toras de madeira. A estrada, margeada por um longo muro feito de placas de metal emendadas de forma aleatória, ficava cada vez mais esburacada e irregular, o que obrigava as motos a desenhar trilhas de sânscrito na poeira, e mesmo um veículo feito para chegar a velocidades vertiginosas precisava seguir a não mais de vinte e cinco quilômetros por hora. O Lexus preto arrastava-se com dificuldade, e o motor emitia de vez em quando um fraco resmungo de impaciência enquanto seguia em zigue-zague para evitar os buracos ou a vaca sagrada que rumava devagar para determinado destino, como se estivesse sendo chamada por uma voz atraente.

O motivo para a exclamação de Jennifer não havia sido a vaca (já tinham visto várias), e sim um monte de pias de cerâmica branca, das quais saíam canos, feito cordões umbilicais com fendas. Ali perto, havia uma pilha de colchões e outra do que parecia ser mesas cirúrgicas.

— Dos navios — disse o Sr. Vaghela, sem explicar sobre o que falava.

— Você acha que podemos parar daqui a pouco? — perguntou ela. — Onde estamos?

O motorista colocou um dedo nodoso no mapa ao seu lado.

— Em Alang.

— Aqui, não. — Sanjay franziu a testa. — Acho que aqui não é um bom lugar para parar.

— Deixe eu ver o mapa. — Jennifer se inclinou para a frente, entre os dois homens. — Deve ter algum lugar fora das rotas populares. Um lugar um pouco mais... emocionante.

— Com certeza já estamos fora das rotas populares — intrometeu-se a avó, com os olhos fixos nas ruas poeirentas e nos homens agachados à beira da estrada.

Mas ninguém pareceu ouvi-la.

— Não... — Sanjay estava olhando ao redor. — Não acho que este seja o tipo de lugar...

A senhora se remexeu no banco. Estava louca para beber alguma coisa e ter a chance de esticar as pernas. Também adoraria ir ao banheiro, mas o pouco tempo que passara na Índia tinha sido suficiente para ensiná-la que, fora dos grandes hotéis, isso era muitas vezes mais um martírio do que um alívio.

— Vamos fazer o seguinte: podemos comprar duas garrafas de refrigerante e parar em algum lugar fora da cidade para esticar as pernas — sugeriu Sanjay.

— Esta cidade é algum tipo de depósito de sucata?

Jennifer semicerrou os olhos para observar melhor um amontoado de geladeiras.

Sanjay fez um sinal com a mão para o motorista parar.

— Pare ali, Ram, na frente daquela loja. Aquela ao lado do templo. Vou comprar refrigerantes.

— Nós vamos comprar refrigerantes — corrigiu Jennifer. O veículo parou. — Vai ficar bem no carro, vó?

Ela não esperou resposta. Os dois jovens saltaram depressa, deixando uma rajada de ar quente invadir o frio artificial do automóvel, e foram rindo até a loja totalmente banhada pelo sol.

Ali perto, na beira da estrada, havia um grupo de homens agachados bebendo alguma coisa em canecas de metal, e às vezes pigarreavam com total indiferença. Observaram o veículo sem qualquer curiosidade. A senhora permaneceu sentada no carro e de repente teve a sensação de que estava sendo notada. Escutou o motor fazer um clique quando parou de funcionar. Do lado de fora, o calor fazia a terra reluzir.

O Sr. Vaghela se virou no banco.

— Senhora, posso perguntar quanto paga ao seu motorista?

Era a terceira vez que ele fazia esse tipo de pergunta, sempre que Sanjay estava fora do carro.

— Não tenho um motorista.

— O quê? Não tem ninguém para ajudá-la?

— Bem, tenho uma moça que me auxilia — gaguejou. — Annette.

— Ela tem casa própria?

A senhora pensou na casinha organizada de Annette no bairro ferroviário, com gerânios no peitoril das janelas.

— Sim, de certo modo, tem.

— Férias remuneradas?

— Não tenho certeza.

Ela estava prestes a tentar explicar o relacionamento profissional que tinha com Annette, mas o Sr. Vaghela a interrompeu:

— Há quarenta anos trabalho para esta família e só recebo uma semana de férias remuneradas por ano. Estou pensando em fundar um sindicato, *yaar*. Meu primo tem internet em casa. Estávamos pesquisando como funciona. Dinamarca. Agora existe um país bom para os direitos dos trabalhadores.

Ele se voltou para a frente e balançou a cabeça.

— Aposentadoria, hospitais... educação... Todos nós deveríamos estar trabalhando na Dinamarca.

Ela ficou em silêncio por um instante.

— Nunca estive lá — disse, por fim.

Ela observou os dois jovens, a cabeça loura e a preta, que se movimentavam dentro da loja na beira da estrada. Jennifer afirmara que eles eram apenas amigos, mas duas noites atrás a senhora tinha escutado a neta seguir sorrateiramente pelo corredor ladrilhado e entrar no que ela supunha que fosse o quarto de Sanjay. No dia seguinte, os dois se comportaram de forma tão à vontade um com o outro quanto duas crianças.

— Apaixonada por ele? — Jennifer parecera ter ficado estarelecida com a pergunta hesitante. — Meu Deus, vó, claro que não. Eu e Jay... Ah, não... Não quero um relacionamento sério. Ele sabe disso.

Mais uma vez, ela se lembrou de quando tinha aquela idade, do pavor paralisante de ser deixada sozinha na companhia de um homem, da sua determinação de continuar solteira, por razões bastante diferentes. Depois olhou para Sanjay que, ela suspeitava, talvez não entendesse tão bem a situação quanto Jennifer acreditava.

— Conhece este lugar?

O Sr. Vaghela tinha começado a mastigar outro pedaço de bêtele. Seus dentes estavam manchados de vermelho.

Ela balançou a cabeça. Com o ar-condicionado desligado, já conseguia sentir o aumento da temperatura. Sua boca estava seca, e ela engolia com dificuldade. Dissera várias vezes a Jennifer que não gostava de refrigerante de cola.

— Alang. O maior estaleiro do mundo.

— Ah.

Ela tentou parecer interessada, mas se sentia cada vez mais cansada e com vontade de sair dali. O hotel de Bombaim, a uma distância desconhecida, parecia um oásis. Consultou o relógio de pulso: como alguém conseguia levar quase vinte minutos para comprar duas garrafas de refrigerante?

— Há quatrocentos estaleiros aqui. E homens capazes de reduzir um petroleiro a porcas e parafusos em questão de meses.

— Ah.

— Não há direitos trabalhistas aqui, sabe. Um dólar por dia é o que eles recebem para arriscar a vida.

— É mesmo?

— Alguns dos maiores navios do mundo vieram parar aqui. A senhora nem imagina as coisas que os proprietários largam nos cruzeiros... aparelhos de jantar, toalhas e roupa de cama irlandesas, instrumentos musicais de orquestras inteiras. — Suspirou. — Isso às vezes nos deixa muito tristes, *yaar*. Navios tão bonitos que viram um monte de sucata de metal.

A senhora desviou o olhar da porta da loja, tentando manter uma expressão de interesse. Os jovens conseguiam não ter consideração nenhuma! Ela fechou os olhos, certa de que a exaustão e a sede estavam envenenando seu humor, que costumava ser sereno.

— Dizem que na estrada para Bhavnagar é possível comprar qualquer coisa... cadeiras, telefones, instrumentos musicais. Vendem tudo o que dá para ser retirado do navio. Meu cunhado trabalha em um dos maiores estaleiros de Bhavnagar, *yaar*. Ele mobiliou a casa inteira com objetos que pegou nos navios. Parece um palácio, sabe? — Palitou os dentes. — Vendem tudo o que conseguem retirar. Hunf. Não me surpreenderia se vendessem a tripulação também.

— Sr. Vaghela?

— Sim, madame.

— Aquilo é uma casa de chá?

O Sr. Vaghela, que teve seu monólogo interrompido, acompanhou com os olhos o dedo dela apontado para a fachada de uma loja tranquila, onde havia várias cadeiras e mesas dispostas ao acaso na beira da estrada poeirenta.

— É.

— Neste caso, poderia fazer a gentileza de me acompanhar até lá e pedir uma xícara de chá para mim? Acho que não consigo passar nem mais um minuto esperando minha neta.

— Será um prazer, madame.

Ele saiu do carro e abriu a porta para ela.

— Esses jovens, *yaar*, não têm nenhum senso de respeito.

Em seguida, ofereceu-lhe o braço, que ela aceitou ao descer do carro, piscando sob o sol do meio-dia.

— Ouvi dizer que na Dinamarca é muito diferente — comentou ele.

Enquanto ela bebia uma xícara do que o Sr. Vaghela tinha chamado de “chá formal”, os jovens saíram da loja. A xícara estava arranhada, possivelmente pelos vários anos de uso, mas parecia limpa, e o homem que os atendeu realizara o ritual do chá com uma destreza impressionante. Por intermédio do Sr. Vaghela, ela respondera

às perguntas obrigatórias sobre suas viagens e confirmara que não tinha parentesco com o primo do proprietário, da cidade de Milton Keynes. Depois de pagar o copo de tchai do Sr. Vaghela (e um doce grudento de pistache “para repor as energias, sabe como é”, de acordo com ele), ela se sentou sob o toldo e observou, do seu lugar privilegiado e um pouco elevado, o que agora sabia esconder-se atrás do paredão de aço: o mar azul, cintilante e infinito.

Um pouco adiante, um pequeno templo hindu recebia a sombra de uma árvore nim. Era rodeado por algumas barracas que aparentemente correspondiam às necessidades dos trabalhadores: havia uma barbearia, uma venda de cigarros, um homem vendendo frutas e ovos, e outro que comercializava peças de bicicleta. Ela demorou alguns minutos para perceber que era a única mulher por perto.

— Estávamos nos perguntando aonde vocês tinham ido.

— Não há muito tempo, imagino. O Sr. Vaghela e eu estávamos a poucos metros daqui. — Seu tom de voz saiu mais incisivo do que tinha sido a intenção.

— Falei que não devíamos parar aqui — insistiu Sanjay.

Primeiro, ele deu uma olhada no grupo de homens ali perto, depois observou o automóvel com evidente irritação.

— Eu precisava sair do carro — explicou ela com a voz firme. — O Sr. Vaghela fez a gentileza de me acompanhar. — Tomou um gole de chá, que estava surpreendentemente bom. — Eu precisava de uma pausa.

— Sim, claro. Só quis dizer que... eu teria preferido encontrar um local mais pitoresco, afinal este é seu último dia de férias.

— Este lugar está ótimo para mim.

Ela estava se sentindo um pouco melhor: uma levíssima brisa do mar atenuava o calor. A visão da água azul-celeste era tranquilizante depois daquele trajeto interminável e tedioso. Ao longe, ela conseguia ouvir o ruído abafado de um metal roçando no outro e o gemido de um instrumento de corte.

— Uau! Olhem só aqueles navios!

Jennifer gesticulava na direção da praia, onde sua avó distinguia apenas cascos de enormes navios, encalhados na areia como baleias. Ela semicerrou os olhos e se arrependeu de ter deixado os óculos no carro.

— É lá que fica o estaleiro para desmonte do qual você falou? — perguntou ao Sr. Vaghela.

— Há quatrocentos, madame. Ao longo de dez quilômetros de praia.

— Parece um cemitério de elefantes — observou Jennifer, e logo acrescentou, em tom solene: — É onde os navios vão para morrer. Quer que eu pegue seus óculos, vó?

Ela estava prestativa e conciliatória, como se pedisse desculpas por ter demorado na loja.

— Seria muita gentileza sua.

Em outras circunstâncias, pensou ela mais tarde, uma foto daquela interminável praia de areia fina serviria para ilustrar o folheto de uma agência de viagens, com o céu azul encontrando o horizonte em um arco prateado e uma cordilheira de montanhas azuis ao longe. Mas, com o auxílio dos óculos, pôde ver que a areia se tomara cinzenta depois de anos de contato com ferrugem e petróleo, e que os hectares de praia eram pontuados pelos enormes navios atracados a intervalos de quatrocentos metros e por imensas peças de metal não identificáveis, as vísceras desmanteladas das embarcações destruídas.

Na beira da água, a algumas centenas de metros de distância, havia um grupo de homens vestindo túnicas desbotadas em tons de azul, cinza e branco agachados na areia. Eles observavam uma cabine de convés se desprender do casco ainda branco de um navio ancorado a poucos quilômetros da costa e despencar pesadamente no mar.

— Não é a atração turística com a qual está acostumada — ironizou Sanjay.

Protegendo os olhos com a mão por causa do sol, Jennifer observava atentamente alguma coisa. Sua avó reparou nos ombros nus dela, sem saber se devia ou não aconselhá-la a cobri-los.

— Era sobre isso que eu estava falando. Venha, Jay, vamos dar uma olhada.

— Não, não, senhorita. Não acho que seja uma boa ideia. — O Sr. Vaghela terminou seu tchai. — Estaleiro não é lugar para uma jovem. E seria preciso pedir permissão para a autoridade portuária.

— Só quero dar uma olhada, Ram. Não pretendo começar a manejar um marcarico de soldador.

— Acho que você deveria ouvir o Sr. Vaghela, querida. — A avó pousou a xícara, tendo noção de que a simples presença deles na casa de chá chamava atenção. — Aquele é um local de trabalho.

— É fim de semana. Deve ter pouca coisa acontecendo por lá. Vamos, Jay. Ninguém vai se importar se ficarmos cinco minutos lá dentro.

— Tem um guarda no portão — avisou Sanjay.

Ela tinha certeza de que a aversão natural de Sanjay a se arriscar demais era amenizada pela necessidade que ele tinha de ser visto como um parceiro de aventuras, um protetor, até.

— Jennifer, querida... — insistiu a avó, querendo evitar que Sanjay ficasse constrangido.

— Cinco minutos.

A menina se levantou em um pulo, sem conseguir conter a impaciência. Pouco depois, já estava no meio do caminho.

— É melhor eu ir com ela — sugeriu Sanjay, com uma pontada de resignação na voz. — Vou mantê-la num lugar em que a senhora possa vê-la.

— Ah, os jovens! — exclamou o Sr. Vaghela, mascando seu bétete, pensativo. — Não adianta falar com eles.

Um caminhão enorme passou chacoalhando com a carroceria repleta de peças de metal retorcidas, às quais seis ou sete homens se agarravam com dificuldade.

Depois que o veículo passou, a avó conseguiu ver Jennifer conversando com o homem no portão. A jovem sorria, passando a mão no cabelo louro. Depois mexeu na bolsa e entregou ao homem uma garrafa de Coca-Cola. Quando Sanjay a alcançou, o portão se abriu. Então, eles sumiram, para reaparecer alguns segundos depois sob a forma de silhuetas minúsculas na praia.

Quase vinte minutos se passaram antes que a avó ou o Sr. Vaghela ousassem dizer o que pensavam: que os jovens estavam não só fora do campo de visão, como demorando demais também. Teriam que ir atrás deles.

Revigorada com o chá, ela se esforçou para conter a irritação por sua neta ter mais uma vez se comportado de maneira tão egoísta e imprudente. Sabia que essa reação em parte se devia ao medo de que alguma coisa acontecesse com a menina enquanto estivesse sob seus cuidados. Que ela, velha e indefesa, perdida naquele lugar estranho, seria responsabilizada por uma situação sobre a qual não tinha qualquer controle.

— Ela se recusa a usar relógio, sabe.

— Acho que devemos ir buscá-los — sugeriu o Sr. Vaghela. — É óbvio que se esqueceram do horário.

Ela permitiu que o homem puxasse sua cadeira e aceitou o braço dele, agradecida. A camisa de Vaghela tinha a suavidade de um tecido que fora lavado inúmeras vezes.

Ele pegou o guarda-chuva preto que havia usado em várias ocasiões, então o abriu e o segurou de modo que ela pudesse andar sob uma sombra. A senhora se manteve perto dele, reparando nos olhares dos homens magros logo atrás e dos que passavam nos ônibus barulhentos.

Pararam no portão, e o Sr. Vaghela disse alguma coisa para o segurança, apontando para o estaleiro mais adiante. Seu tom de voz era agressivo, beligerante, como se o homem tivesse cometido algum crime ao permitir a entrada dos dois jovens.

O guarda deu uma resposta aparentemente conciliatória, depois os conduziu para dentro.

Os navios não estavam intactos, como ela imaginara a princípio. Eram cascos pré-históricos, enferrujados. Homens muito pequenos se apinhavam ali como formigas, visivelmente insensíveis ao ruído agudo do metal arrancado e ao barulho estridente das máquinas de cortar aço. Manejavam maçaricos de soldagem, martelos, chaves inglesas, enquanto o som ensurdecedor dos golpes destruidores ecoava como um lamento inconsolável no espaço aberto.

Nos cascos ainda submersos em água mais profunda havia cordas prendendo plataformas perigosamente frágeis, sobre as quais os metais eram transferidos para a praia. Mais perto da água, ela levou a mão ao rosto, sentindo o fedor penetrante do esgoto em estado natural misturado ao cheiro de um produto químico que não conseguia identificar. Vários metros adiante, diversas fogueiras lançavam grossas nuvens de fumaça tóxica no ar puro.

— Por favor, tome cuidado por onde anda — pediu o Sr. Vaghela, indicando a areia sem cor. — Não acho que aqui seja um bom lugar.

Ele olhou para trás, parecendo se perguntar se não seria melhor ela esperar na casa de chá.

Mas ela não queria se sentar lá e encarar sozinha todos aqueles homens.

— Prefiro sua companhia, Sr. Vaghela, caso não se importe.

— Acho que é melhor mesmo — concordou ele, semicerrando os olhos para olhar ao longe.

Ao redor deles, na areia, havia pilhas caóticas de vigas metálicas enferrujadas que lembravam turbinas imensas, além de chapas de aço amassadas. Correntes enormes cobertas de craca serpenteavam por todo lado ou ficavam amontoadas umas sobre as outras, como gigantescas cobras adormecidas, dando a impressão de que os trabalhadores ali perto eram anões.

Nenhum sinal de Jennifer.

Um pequeno grupo de pessoas tinha se reunido na areia, algumas com binóculos, outras apoiadas em bicicletas, todas olhando para o mar. Ela segurou o braço do Sr. Vaghela com mais força e parou por um segundo para se adaptar ao calor. Depois seguiram em frente devagar, na direção da costa, onde homens com walkie-talkies e túnicas empoeiradas andavam de um lado para outro, conversando, animados, e crianças brincavam tranquilamente perto dos pais.

— Tem mais um navio chegando — observou o Sr. Vaghela, apontando.

Eles viram diversos rebocadores puxando o que devia ser um antigo petroleiro, cuja silhueta ficava cada vez mais distinta à medida que se aproximava da praia. Um utilitário japonês passou rugindo e parou cantando pneus algumas centenas de metros à frente. Foi então que eles ouviram vozes exaltadas e, quando desviaram de uma pilha de cilindros de gás, notaram um pequeno agrupamento de pessoas ao longe, paradas sob a sombra de um enorme casco metálico. Havia certa comoção entre elas.

— Madame, acho que devemos ir até lá — sugeriu o Sr. Vaghela.

Ela assentiu. Estava começando a ficar ansiosa.

O homem, cuja barriga avantajada o teria distinguido dos outros mesmo sem a ajuda do belo carro, apontava para o navio, e suas palavras indignadas eram acompanhadas de jatos de saliva. Sanjay parou diante dele no círculo de homens, com as

palmas das mãos voltadas para baixo num gesto conciliatório para tentar interromper seu discurso. Jennifer, objeto da ira do homem, estava numa pose que fez a avó se lembrar da própria adolescência: quadril projetado, braços cruzados na defensiva e a cabeça erguida de maneira insolente.

— Pode dizer a ele — interrompia ela de vez em quando — que eu não estava tentando fazer nada com o maldito navio. E que não existe nenhuma lei que proíba uma pessoa de olhar para alguma coisa.

Sanjay se virou para ela.

— Este é o problema, Jen. Existe, *sim*, uma lei que proíbe a pessoa de olhar para alguma coisa quando ela invade sem permissão uma propriedade alheia.

— É uma praia! — gritou ela. — Com dez quilômetros de extensão. Com milhares de pessoas. Que diferença vai fazer se eu olhar ou não para esses navios enferrujados?

— Jen, por favor...

Ao redor de Sanjay, os homens assistiam à discussão com óbvio interesse e se cutucavam para mostrar a calça jeans e a blusa justa de Jennifer, alguns curvados por causa do peso dos cilindros de oxigênio que carregavam nos ombros. Quando a senhora se aproximou, vários recuaram, e ela sentiu o cheiro rançoso de suor misturado com incenso e enxofre. Conteve a vontade de tapar a boca com a mão.

— Ele acha que Jennifer faz parte de algum grupo ecológico e está aqui para reunir provas contra ele — esclareceu Sanjay.

— É óbvio que só estou olhando — insistiu a menina. — Nem tenho uma câmera — avisou ao homem, que a olhava com a testa franzida.

— Você não está ajudando — reclamou Sanjay.

A avó tentava estimar em que medida o homem poderia representar uma ameaça. Seus gestos se tornavam cada vez mais abruptos e dramáticos, e seu rosto estava vermelho de raiva. Ela olhou para o Sr. Vaghela, quase como se ele fosse o único adulto ali presente.

Talvez consciente disso, ele se afastou dela e circulou entre os homens, esticando subitamente as costas. Foi até o desmantelador de navios e estendeu-lhe a mão de modo que o homem não teve como deixar de apertá-la.

— Senhor, sou Ram B. Vaghela — apresentou-se.

Os dois começaram a falar depressa em urdu. A voz do Sr. Vaghela era suave e conciliadora em alguns momentos, determinada e assertiva em outros.

Era evidente que a conversa demoraria algum tempo. Sem o apoio do braço do Sr. Vaghela, a avó de Jennifer se sentia insegura. Deu uma olhada ao redor, procurando um lugar para se sentar, depois se afastou um pouco do grupo, tentando não parecer intimidada nem amedrontada com a curiosidade ostensiva de alguns homens. Notou um barril metálico e andou devagar até lá.

Passou alguns minutos sentada no barril, observando o Sr. Vaghela e Sanjay tentarem acalmar o proprietário do navio, convencê-lo da inocência e das intenções honestas dos visitantes. De vez em quando, eles apontavam na sua direção e ela se abanava embaixo do guarda-chuva, pois sabiam que a presença de uma idosa de aparência frágil provavelmente ajudaria. Apesar do seu aspecto afável, ela estava furiosa. Jennifer tinha ignorado de forma deliberada as vontades de todos os outros, por isso atrasara a viagem em pelo menos uma hora. Estaleiros eram lugares perigosos, pelo que contara o Sr. Vaghela enquanto atravessavam a areia, não apenas para os operários, mas também para quem eles consideravam que estivesse “interferindo”. Sabia-se que bens haviam sido “confiscados”, acrescentara ele, virando-se para olhar com nervosismo para o carro.

No momento, a ideia de que precisava percorrer a mesma distância na areia quente não saía da sua cabeça. Além disso, era bem possível que tivessem que dar algum dinheiro para essas pessoas antes de conseguirem ir embora, o que comprometeria mais uma boa parte do seu já reduzido orçamento.

— Garota tola, inconsequente — murmurou.

Tentando demonstrar indiferença, ela se levantou e começou a andar na direção da proa do navio, louca para se afastar da neta irresponsável e dos olhares inexpressivos dos homens. Segurou o guarda-chuva perto da cabeça e levantou nuvens de areia enquanto seguia para uma área sombreada. O navio, já desmontado pela metade, se desfez abruptamente, como se uma mão imensa o tivesse cortado em dois e retirado a metade posterior. Ela ergueu mais o guarda-chuva para ter uma visão melhor. Era difícil ver muita coisa de tão longe, mas ela conseguiu distinguir dois suportes para canhões que ainda precisavam ser removidos. Observou-os e franziu as sobrancelhas diante da familiaridade daquilo, da pintura cinza desbotada e descascada, uma cor suave que só era vista em navios da Marinha Britânica. Depois de um minuto, baixou o guarda-chuva, deu um passo para trás e encarou o casco quebrado que assomava diante dela, esquecendo-se por um instante do incômodo que sentia na nuca.

Ergueu a mão e a colocou acima dos olhos para protegê-los do sol escaldante, até que conseguiu ler o que restava do nome na lateral do navio.

Então, quando a última letra ficou visível, o ruído da discussão diminuiu e, apesar do calor opressivo da tarde indiana, a senhora aos pés do navio foi invadida por uma súbita sensação de frio glacial.

O desmantelador de navios, Sr. Bhattacharya, não se convencera e, sem considerar sua crescente hostilidade, a agitação cada vez maior da multidão, e por mais que já estivessem pelo menos uma hora atrasados, os jovens continuavam discutindo. O Sr. Vaghela secou a testa com um lenço. A Srta. Jennifer chutava a areia com raiva

para trás, a expressão emburrada deixando claro que ela não estava de acordo. O Sr. Sanjay tinha o semblante desconfortavelmente tenso de alguém que sente estar defendendo uma causa perdida. De vez em quando, ele observava a Srta. Jennifer, depois desviava o olhar, como se também estivesse aborrecido com ela.

— Não preciso que me defenda, está bem?

O Sr. Vaghela tocou o braço dela.

— Desculpe dizer isso, Srta. Jennifer, mas acho que seus conhecimentos de urdu não lhe dão muita escolha.

— Ele entende inglês. Eu o ouvi falando.

— O que a garota está dizendo agora?

Ele percebeu que o Sr. Bhattacharya se sentia ofendido com a roupa indecente de Jennifer. O Sr. Vaghela suspeitava que, embora no fundo o homem soubesse que os jovens eram inocentes das acusações, ele sentia uma raiva tão grande que estava determinado a continuar com a discussão. Ao longo da vida, o Sr. Vaghela conheceu muitos homens desse tipo.

— Não gosto de como ele está falando comigo.

O Sr. Sanjay se aproximou da garota.

— Você nem sabe o que ele está dizendo! Está dificultando as coisas, Jen. Volte para o carro e leve sua avó junto. Vamos esclarecer isto.

— Não me diga o que fazer, Jay.

— Aonde ele está indo? Aonde eles estão indo?

O Sr. Bhattacharya observava o Sr. Sanjay com uma raiva cada vez maior.

— Acho que seria melhor se a garota saísse do seu estaleiro, senhor. Meu amigo está tentando convencê-la disso.

— Não preciso de você para... — Jennifer interrompeu abruptamente a frase.

Houve um súbito silêncio e o Sr. Vaghela, que estava sentindo um calor desconfortável, acompanhou o olhar da multidão até a área sombreada sob o casco do navio seguinte.

— Qual é o problema com a velha? — perguntou o Sr. Bhattacharya.

Ela estava sentada com o corpo curvado para a frente e a cabeça apoiada nas mãos. Seu cabelo grisalho reluzia como prata.

— Vó?

Jennifer correu na direção dela.

O Sr. Vaghela suspirou de alívio quando a senhora ergueu a cabeça. Ele era obrigado a admitir que ficara assustado com a postura dela.

— Você está bem?

— Sim, sim, minha querida.

O Sr. Vaghela teve a impressão de que as palavras da senhora foram pronunciadas mecanicamente, como se aquela situação não tivesse nada a ver com eles. Deixando

o Sr. Bhattacharya de lado, ele e o Sr. Sanjay se aproximaram e se agacharam diante dela.

— Se me permite dizer, a senhora parece muito pálida, Mammaji.

Ele reparou que ela estava apoiando uma das mãos no navio, um gesto curioso que a fizera se curvar de um jeito muito estranho.

O Sr. Bhattacharya estava ao lado deles, limpando seus caros sapatos de couro de crocodilo atrás da calça. Depois murmurou algo para o Sr. Vaghela.

— Ele quer saber se a senhora gostaria de uma bebida — revelou o Sr. Vaghela para a avó de Jennifer. — Disse que tem água gelada no escritório.

— Não quero que ela tenha um ataque do coração no meu estaleiro — reclamou o Sr. Bhattacharya. — Pegue um pouco de água para ela e depois, por favor, leve-a embora daqui.

— Quer um pouco de água gelada?

Ela passou a impressão de que ia se sentar, ereta, mas só ergueu de leve a mão.

— Isso é muito gentil, mas vou só ficar sentada por mais um minuto.

— O que houve, vó?

Ajoelhada, Jennifer apoiava as mãos no joelho da avó. Seus olhos estavam arregalados de ansiedade. A postura arrogante tinha evaporado no calor. Atrás delas, os jovens indianos murmuravam e se cutucavam, cientes de que algum drama desconhecido se desenrolava diante deles.

— Por favor, peça para eles se afastarem, Jen — sussurrou a avó. — É sério. Vou ficar bem se todo mundo me deixar sozinha.

— É por minha causa? Desculpe, vó. Sei que tenho sido um saco. Mas não gostei de como ele falou comigo. É porque sou mulher, sabe? Isso me irrita.

— Não é por sua causa...

— Desculpe. Eu devia ter sido mais atenciosa. Olhe, vamos levá-la de volta para o carro.

O Sr. Vaghela ficou satisfeito ao ouvir o pedido de desculpas. Era bom saber que os jovens conseguiam reconhecer suas atitudes irresponsáveis. Ela não devia ter feito a avó percorrer uma distância tão grande no calor, não em um lugar como aquele. Indicava falta de respeito.

— Não é por sua causa, Jennifer. — A voz dela estava tensa. — É por causa do navio — sussurrou.

Sem entender, eles acompanharam seu olhar até a vasta superfície de metal cinza-claro e os enormes rebites enferrujados que pontilhavam toda a lateral da embarcação.

Os dois jovens se entreolharam, depois se voltaram para a senhora, que de repente pareceu extremamente frágil.

— É só um navio, vó — observou Jennifer.

— Não — retrucou ela, e o Sr. Vaghela reparou que o rosto da senhora estava tão pálido quanto o metal atrás dela. — É aí que você está completamente enganada.

Ao voltar para casa, o Sr. Ram B. Vaghela comentou com a esposa que não era comum ver uma idosa chorar. Era evidente que os ingleses manifestavam suas emoções com muito mais liberdade do que ele achara, e não eram reservados e imperturbáveis como esperara. A esposa, irritada, ergueu uma sobrancelha, como se não se importasse mais em dar uma resposta adequada aos seus comentários. Ele se lembrou da tristeza da pobre senhora, de como precisara ajudá-la a voltar para o carro, do seu silêncio durante todo o trajeto até Bombaim. Ela parecia ter testemunhado a morte de alguém.

Sim, ele se surpreendera bastante com a madame inglesa. De modo algum era o tipo de mulher que ele imaginara que fosse.

Tinha certeza de que não eram assim na Dinamarca.

“Jojo Moyes sabe criar uma boa trama, com personagens
tão verossímeis que parecem saltar das páginas.”

USA Today

“Uma mestre da narrativa.”

Elle (Reino Unido)

Quatro mulheres cruzam oceanos e enfrentam um futuro incerto em busca de viver um grande amor

A Segunda Guerra Mundial acabou, e jovens esposas começam a buscar formas de reencontrar os homens com quem se casaram durante o conflito. Em Sydney, Austrália, quatro mulheres com personalidades únicas embarcam em uma extraordinária viagem a bordo do HMS *Victoria*, um porta-aviões que as levará, junto de outras mais de seiscentas noivas, além de armas, aeronaves e mil oficiais da Marinha, até a distante Inglaterra. As regras no navio são rígidas, mas o destino que reuniu todos ali, homens e mulheres atravessando mares, será implacável ao entrelaçar e modificar para sempre suas vidas.

ISBN 978-85-8057-995-6



9 788580 579956

www.intrinseca.com.br